

MÁ EDUCAÇÃO CELEBRA A TRANSIÇÃO DE ALMODÓVAR

Por Belisa Figueiró*

“Precisei fazer os 14 filmes anteriores para poder fazer *Má Educação*”. Lendo essa frase de Pedro Almodóvar - em entrevista ao site No Mínimo, no Festival de Filmes de Nova Iorque -, antes de assistir ao seu novo longa-metragem, pode parecer nada mais do que uma simples vaidade ou uma autopromoção. Mas a principal sensação do espectador ao sair da sala de cinema é justamente essa. O gênio espanhol precisou divagar exaustivamente pelo universo feminino para poder retratar com maestria parte da sua história na tela grande.

Má Educação (Espanha-2004) retrata os abusos sexuais que existiam nos colégios religiosos da Espanha do começo dos anos 60. Longe de ser um filme maniqueísta, que se sustenta apenas na crítica ao catolicismo da época, ou anticlerical, a narrativa percorre o passado e o presente através de um roteiro de cinema - “A Visita”-, escrito por Ignacio (Gael García Bernal), sobre a sua infância e adolescência no colégio, incluindo os demais personagens principais, Padre Manolo (Daniel Giménez Cacho) e Enrique Goded (Fele Martínez). Os *flash-backs* acontecem de forma aleatória e nada convencional, sempre relacionando o triângulo entre os garotos e o padre. Talvez somente nesse vai-e-vem se possam reconhecer os toques de Almodóvar, tão explorados nos filmes anteriores. No cenário de Madri, onde os personagens já estão numa fase espanhola contemporânea, também é possível vislumbrar as cores fortes e a extravagância do cineasta. Contudo, no restante da película, fica quase imperceptível o rastro de Almodóvar. É como se estivéssemos diante da técnica de um trabalho de Luis Buñuel e Carlos Saura, juntos.

Numa Espanha de pós-guerra, sombria, devastada e melancólica, a pedofilia na Igreja, a homossexualidade e a transexualidade são os temas que exploram a sociedade da época. A hipocrisia e o desejo indicam a parábola utilizada no longa para caracterizar o filme mais pessimista de Almodóvar. Com resquícios de dramas barrocos,



Gael García Bernal

Má Educação se apresenta ao público como uma guinada ao dito “cinema noir”, (em espanhol: cine negro). Essa é a inovação na filmografia de Almodóvar. Desde então, o universo feminino era o enfoque do cineasta, perambulando entre a histeria, o sentimentalismo exagerado, os desejos e as angústias de suas personagens. O sexo sempre foi o elo entre os personagens do diretor espanhol. Seja para retratar a arte, o desejo, a posse, o desequilíbrio, a homossexualidade ou, como agora, a pedofilia.

Carmen Maura foi o principal ícone de seus primeiros filmes de sucesso. Em “Mulheres à beira de um ataque de nervos” a atriz ilustrou a imaginação de Almodóvar e trouxe à tona, junto com



as demais mulheres envolvidas na história, o marco da discussão da mente feminina no cinema espanhol.

Em *Má Educação*, é inegável que Gael García Bernal tenha se superado e conquistado um lugar de destaque no elenco de Almodóvar. Interpretando o personagem Ignacio adulto (quando garoto fora vítima do Padre Manolo e, ao mesmo tempo, apaixonado pelo colega Enrique) e Zahara (travesti que interpreta parte do roteiro cinematográfico), Gael estarrece o público com um talento inimaginável. Sua atuação anterior fora em “Diários de Motocicleta” (2004), no qual interpretava o jovem Che Guevara e até recebera elogios consideráveis. Os filmes mexicanos “Amores Brutos” (2000) e “E sua mãe também” (2001) projetaram o garoto para as telas e, desde então, o reconhecimento dos espectadores vem sendo imediato. Em “O Crime do Padre Amaro” (*México–2002*), Gael recebeu o papel totalmente oposto ao filme espanhol em cartaz. Ele interpretou o padre que engravidou uma garota da paróquia, pedindo-lhe, posteriormente, que fizesse um aborto. Porém, foi sob a direção de Almodóvar que se pôde perceber a cumplicidade e o envolvimento do ator mexicano com o cinema. Ora de batom, salto alto, peruca e maquiagem; ora de barba e olhar penetrado, Zahara e Ignacio, respectivamente, transformam o público da sala de exibição em meros degustadores.

A estréia de *Má Educação* na Espanha estava prevista para o início de março deste ano. Mas em função do ataque terrorista do dia 11 do mesmo mês, em Madri, e das declarações de Almodóvar contra o então primeiro-ministro José María Aznar, a exibição inaugural só ocorreu em maio, no Festival de Cannes. Desde então, as críticas estão bastante favoráveis, embora a polêmica envolva a maior parte das discussões. Segundo o diretor, a Igreja Católica ainda não se manifestou a respeito e ele tem muita curiosidade em saber se o padre que lhe deu aula num desses colégios da época já assistiu ao longa-metragem.

Por mais que nos primeiros meses de exibição de *Má Educação* o diretor negasse por completo, a trama foi parcialmente inspirada em sua biografia. O cineasta nasceu em Calzada de Calatrava, na província de La Mancha, na Espanha, em 1951. Estudou em colégios tradicionais salesianos e franciscanos, ambos congregados ao catolicismo. Viveu sua juventude sob a ditadura de Francisco Franco, morto em 1975. Aos 16 anos, mudou-se para Madri com o objetivo de

tornar-se cineasta, construindo, posteriormente, personagens que gerassem uma análise e uma reflexão do cotidiano, dos dramas e da miséria que ele enxergava na sociedade. A paixão com que o personagem Enrique fazia cinema é a representação inquestionável de Almodóvar. A cena do reencontro dos antigos colegas, vinte anos depois, sugere uma certa ambigüidade, tornando o entendimento um tanto confuso. Entretanto, no desenrolar dos acontecimentos, é indubitável que se relacione a personalidade de Enrique com o diretor espanhol.

A nova perspectiva de roteiro, vidrando o espectador na tela, sem que pisque num só momento, também contempla o mais novo modelo de “cine negro”, idealizado por Almodóvar. Em nenhuma outra produção isso fica tão visível. Na última década, os fãs do cineasta puderam saborear uma seqüência ininterrupta de obras-primas. “Fale com Ela” (2002), vencedor do Oscar de melhor roteiro original, foi a última película que deu ênfase ao feminino, embora os personagens centrais fossem masculinos. Perceberam-se, então, os primórdios da transição de Almodóvar em direção a uma nova perspectiva, um olhar diferenciado sobre temas urbanos e relações humanas. Entretanto, é em *Má Educação* que se confirma a mudança do paradigma.

Em última análise, o ano de 2004 foi de grandes transformações na Espanha. Primeiro foram os ataques terroristas, abalando o povo espanhol e o europeu. Agora, a aprovação do anteprojeto de lei que libera o casamento entre os homossexuais no país. É uma era de maturidade, tanto para a sociedade quanto para Pedro Almodóvar, embora alguns povos ainda precisem discutir a importância da democracia; ou então que convençam o mundo de que a supremacia depende da força bélica. É louvável que temas abrangentes e práticos estejam em pauta na Europa. O cinema, é claro, não poderia ficar indiferente a esta realidade, nem mesmo omissos às transformações de comportamento.

NOTAS

* Estudante de jornalismo da PUCRS.